

A Transilvânia é o Catete

*Romance
de
Ricardo Hofstetter*

Agradecimentos

Silvia Soter
Cristiana Lara Resende
Deise Calaça
Lionel Fischer

À todos os bêbados, fodidos, imprestáveis,
frustrados e inúteis cidadãos da
cidade do Rio de Janeiro.

Especialmente os que moram no bairro do Catete.

E aos Beatles, quando eram Beatles.

“Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira”.

Tolstoi inicia seu romance Ana Karenina com esta frase. Não gosto de russos. Nem de americanos. Para ser sincero, não gosto de franceses, ingleses, turcos, argentinos... nem mesmo de brasileiros. A verdade é que gosto de muito pouca gente nos dias de hoje. Pensando bem e vasculhando meu curtíssimo círculo de conhecidos, percebo que não gosto de ninguém. Nem do veado do Roberto, meu único amigo, posso dizer que gosto de verdade. Acho que apenas o tolero. Talvez porque ele seja um dos últimos a me tolerar também. Sou um sujeito desagradável. E não faço esforço algum para ser diferente. Se tenho motivos para isso? Muitos. E mesmo que não tivesse, inventaria. Esse mundo fodido em que vivemos já é motivo suficiente para justificar o mau-humor de quantos sejam.

Voltando ao Tolstoi, discordo de sua frase. Não são as famílias, mas as vidas felizes que se parecem entre si; as infelizes é que são infelizes cada qual à sua maneira. Vivo uma vida infeliz e não há nada de mais nisso. Minha vida amarga é apenas mais uma no meio dos tantos infortúnios dos quais esse mundo fodido é feito. Nesse mundo torto, ser infeliz é a regra, a normalidade; a felicidade é que é uma aberração, aborrecida e par. A infelicidade não, é admirável e ímpar. Cada qual à sua maneira.

*

*

Nicole levantou a saia e mostrou alguma coisa a Sheila. Era uma terça-feira de chuva, quase uma da manhã. O bar do Cabral estava a meia bomba, com poucos clientes e os bêbados e as putas de sempre. Só eu reparei no gesto discreto de Nicole. É a minha cara isso. Sempre presto atenção naquilo por que ninguém se interessa. Definitivamente sou um sujeito torto. Depois de mostrar a Sheila o que queria, Nicole levantou os olhos na minha direção, deu um sorriso safado e cobriu as coxas com falso pudor. Tive que me controlar para não ir até sua mesa e agarrá-la. Nicole tem coxas esplendorosas.

A mulher que eu tentava levar para a cama voltou do banheiro reclamando da sujeira. Eu disse que o Cabral era um babaca que não se preocupava com nada além dos trocados que ganhava dia após dia naquela merda de bar. Clara reclamou do meu jeito de falar:

— Odeio gente que fala palavrão.

Disse para eu me cuidar: de cada três palavras que dizia, uma era palavrão.

Tive vontade de mandar Clara tomar no cu. Detesto essa gente idiota que dá uma importância fodida a coisas sem importância alguma. Uma montanha de crianças está largada pelas ruas, a bandidagem come solta, estamos destruindo o planeta e os babacas ficam ofendidos porque um repórter de merda como eu fala um palavrão a cada três palavras.

Ia mandar Clara tomar no cu, mas lembrei que não trepava há mais de uma semana e aquela chata parecia ser o diabo na cama. Disse que por ela ia me controlar e não falei mais uma porra de um palavrão a noite toda.

Não adiantou. A vaca não quis ir para a cama comigo. Ficamos num mela-cueca dentro do meu carro até que ela disse que estava tarde, tinha que acordar cedo no dia seguinte, mas que tinha sido ótimo conversar comigo. Saiu do carro e bateu a porta.

Não sei se foi a falta de sangue no cérebro ou o excesso de cerveja ingerida no bar do Cabral, mas só consegui dizer alguma coisa quando meu pau amoleceu e Clara já me mandava um tchauzinho ridículo da portaria do prédio:

— Piranha filha da puta!

Fui para casa inconformado. Me masturbei pela terceira vez naquela semana.

*

*

Queria que me entendessem. Não é que eu seja grosso. Tive até uma educação muito boa, estudei em colégio de padre, daqueles bons, com um monte de riquinhos que hoje são todos muito bem sucedidos. Meu nome é Marcos Sacramento e meu problema é que perdi a paciência com a vida. É tudo tão errado que acho erro maior se preocupar com futilidades. Aí desando a falar palavrão, sou grosso com as mulheres, escrevo frases com pronomes oblíquos no início e falo essas coisas que chocam as pessoas. Sei que estou errado, mas não consigo agir diferente. É mais forte do que eu.

Acho que é por isso que sou um fracassado, um *looser*, como os babacas dos americanos dizem. Um repórter bom pra caralho, muito melhor que todos os chefes que já tive na vida, mas que não consegue entrar no esquema: puxar um saquinho ali, comer uma bundinha lá, dar para alguém aqui, uma mão lava a outra, e záz, lá vem a promoção.

O Roberto diz que é desculpa minha. Estou fodido porque não sou profissional, não invisto na minha carreira. E cita seu exemplo: nunca bajulou, nunca comeu nem deu a bunda para ninguém e está aí, editor do caderno de cultura de seu jornal. Não sei se acredito nele. Acho que deveria. O Roberto é a única pessoa que eu ainda escuto. Mas duvido que ele não tenha dado aquela bundinha para ganhar o cargo de editor. Ele é meio esquisito. Acho que é *gay* e não sabe. É casado, a mulher dele é bem

interessante, e tem uma filha de três anos. Mas isso não quer dizer nada. Está cheio de veado por aí com mulher e filho.

O Roberto é o único cara com quem ainda consigo conversar sem me aborrecer. Às vezes até rio com ele. Ou dele. O filho da puta é bom, tem um texto ágil, direto, com ritmo, sabe usar uma vírgula como ninguém, o veado. Claro que em textos jornalísticos não dá para brincar com essas coisas. Mas tem uns contos dele, com umas frases de ritmos quebrados lapidares. Ele põe vírgulas em lugares que nenhum outro filho da puta de escritor iria imaginar de colocar. Dá certo. Cria um ritmo diferente, torto, como um *blues* do Robert Johnson. Já fiz testes: peguei suas frases e tirei as vírgulas. Viraram frases banais, que poderiam ter sido escritas por qualquer estudante de oficina literária. Mas com as vírgulas! Uma coisa de louco. Por isso desconfio do Roberto: um sujeito que domina a vírgula dessa maneira só pode ser homossexual.

*

*

O meu problema com a Nicole é o seguinte: uma noite, no bar do Cabral, comentei, orgulhoso e bêbado, que nunca tinha trepado com uma puta. Quer dizer, que nunca tinha pago para trepar, pois quem é que pode garantir que a mulher que foi para a cama com você não é puta? Pois bem, desde esse dia minha vida virou um inferno porque Nicole cismou de tirar minha virgindade... como posso dizer?... mundana. Ela agora vive me tentando com descontos ofensivos e ofertas ridículas. Chegou a me oferecer sexo pela metade do preço, a filha da puta. Uma barganha, afinal, seu preço não deve passar de cinquenta reais. Não topei porque acho sua atitude uma babaquice, mesquinharía pura. Tudo o que ela quer é me igualar ao resto dos homens. E eu não sei se vale a pena me rebaixar dessa maneira.

O problema é que tenho o maior tesão nela. Nicole tem coxas fenomenais. Tenho fraco por coxas bem torneadas. Não dessas musculosas, exageradas, mas daquelas bem desenhadas, discretas, onde os músculos apenas se insinuam. Desde esse dia vivo em conflito: devo ou não fazer a transação com Nicole e perder minha virgindade mundana?

Podem achar o dilema ridículo. Especialmente para quem acabou de dizer que não liga para futilidades. Mas ponham-se no meu lugar: dizer que nunca pagou para trepar tem seu charme, confere uma certa superioridade sobre todos os outros homens que já pagaram por sexo. Acho que causa um efeito interessante nas mulheres, apesar de não me lembrar de já ter levado uma delas para a cama com esse papo.

Quem me ouve falando pode até pensar que tenho todas as mulheres que quero. Não, não tenho. A Clara, por exemplo: não consigo levar aquela vadia para a cama. Mas também não sou um zero à esquerda. Tive meus momentos, como todo mundo. Talvez o fato de nunca ter pago por sexo é que me diferencie do resto dos homens. Gosto de me sentir especial e acho que minha virgindade mundana me confere uma certa originalidade. Se aceitar a

oferta da Nicole, vou chafurdar na lama da mediocridade masculina. Não sei se quero isso.

Por outro lado, sei que essa história não passa de uma grande babaquice, daquelas que eu mesmo abomino, mas, fazer o quê? Tenho meus defeitos, mesmo nunca tendo pago por sexo.

O Roberto, que de vez em quando tira o dia para me sacanear, me sugere contratar Nicole apenas para um boquete:

— Ninguém paga boquete melhor que uma puta — vive dizendo.

Eu sempre dou a mesma resposta mal-educada:

— Não fode, Roberto!

Boquete, trepada, é tudo a mesma coisa. Se pagar por um boquete, perderei, igualmente, minha virgindade mundana. E o que me seduz em Nicole é a possibilidade de penetrar suas coxas. As estonteantes coxas de Nicole. O boquete dela não me interessa em nada.

*

*

Ando bebendo muito. Nos últimos tempos, ou estou bêbado ou de ressaca. Além disso, tenho fígado fraco. Esse, me parece, é um dos poucos casos em que a debilidade é uma virtude. Não fosse meu fígado frágil e as ressacas fenomenais que me acarreta, já teria virado alcoólatra. Um brinde ao meu fígado!

Gosto de vodca, mas as marcas boas são caras. Como estou duro (há muito tempo), só tenho bebido cerveja. Quando quero ficar bêbado rapidamente, misturo com uma vodca vagabunda. É uma onda gostosa. Por um tempo esqueço esse mundo fodido. Mas depois vem a ressaca, a dor de cabeça e a vontade de vomitar. Acho que os padres do colégio onde estudei tinham razão: nenhum pecado fica sem punição nesse mundo. E a ressaca é a punição do álcool.

O álcool também pune o sexo. Outro dia mesmo broxei com uma mulher. Já tinha tomado cinco cervejas e quatro doses de uma vodca vagabunda e a imbecil cismou que tínhamos que transar com proteção. Sou contra camisinha. Se um sujeito não é capaz de selecionar bem seus parceiros, tem mais é que se foder mesmo. Gosto dessa roleta russa sexual. Saber que uma escolha errada pode ser minha sentença de morte me excita. Espero um dia morrer assim, vítima de uma escolha infeliz. Me recusei a usar camisinha. Se era ela quem estava com medo, que usasse camisinha feminina. Mas a idiota nem sabia que isso existia e me pagou uma decisão:

— Sem camisinha não transo.

Como estava sem trepar há duas semanas, concordei. Mas a combinação porre mais camisinha foi fatal. Até a entrada do maldito invólucro plástico em cena estava indo tudo bem. Mas depois que vesti a maldita, não houve jeito, a força da gravidade se manifestou.

A mulher, cujo nome não lembro, ficou irritada:

— Não sei pra que vocês homens bebem. Só pra deixar a gente na mão.

Era uma mulher estranha. Culpava os homens por tudo que de ruim lhe acontecia na vida. Conteí a história ao Roberto e o veado veio com suas interpretações psico-filosóficas de botequim:

— Parece você e sua relação com o jornalismo.

Mandei o Roberto tomar no cu. No final das contas, foi bom broxar com aquela idiota. Era uma mulher desagradável. E com esse tipo de gente, a melhor coisa a se fazer é manter distância.

Falo como se eu fosse o mais agradável dos homens. Sei que não. Sou tão desagradável quanto aquela vaca. E, nos últimos tempos, é só isso o que quero: ser desagradável. Essa é uma das poucas atividades, talvez a única, onde venho obtendo sucesso na vida.

O álcool só não consegue atrapalhar o meu trabalho. Um mistério que não consigo explicar. Quando sento para escrever (a coisa que mais amo na vida) tudo passa: o mau-humor, os porres, as ressacas. Não sei o que acontece, que milagre é esse. Acho que me concentro tanto que o esforço supremo desgasta a bebedeira, cura a ressaca e me traz um pouco de humor. Fico excitado quando ponho o ponto final num bom texto. No jornalismo de hoje ninguém escreve tão bem quanto eu. Esses jornalistas babacas que andam por aí não têm um décimo da intimidade que tenho com as palavras. Nem o Roberto e seu espetacular domínio sobre as vírgulas. Meu texto é simples e coloquial, qualquer animal entende. Ao mesmo tempo é rico, sofisticado, com um ritmo raro. Drummond já dizia que o mais difícil é ser simples. Para complicar basta um pouco de erudição; para alcançar a simplicidade é necessário arte. Muita arte.

Então por que não sou um bem-sucedido jornalista? Já expliquei os motivos, não vou me repetir. Mas além daqueles, existe um outro, de capital importância: é preciso talento para reconhecer o talento. E eu vivo cercado de incompetentes.

O ofício de escrever, parece, é a única coisa que ainda conservo pura e saudável em minha vida. O resto, está tudo podre.

*

*

Meu chefe voltou a implicar comigo. Na hora do almoço, liguei para o Roberto:

— Preciso conversar ou vou mandar aquele corno pra puta que o pariu.

Roberto disse que estava vindo. Na hora marcada, entrou no bar do Cabral. Essa é outra coisa que me irrita no Roberto: o veado nunca chega atrasado. Não sei como consegue. Mais um motivo para desconfiar da sua masculinidade.

Pedimos o prato do dia e ele reclamou que a comida estava gordurosa. Depois que virou editor e começou a ganhar mais, o Roberto deu de reclamar

do baixo nível do bar do Cabral. Mas em que restaurante da cidade se pode comer aquele prato por menos de dez pratas? Pedimos uma cerveja e ele, meio de saco cheio, perguntou qual era o problema com meu chefe dessa vez.

— Sabe o que ele me pediu? Pra botar mais emoção nas minhas matérias! Tá achando tudo frio demais!

Desde quando texto jornalístico tem que ter emoção? Emoção é uma coisa subjetiva e tudo que um texto jornalístico pede é objetividade, isenção. Mas até aí, tudo bem, ele é o editor, pode pedir o que quiser (eu sabia que o veado do Roberto viria com essa frase, por isso me adiantei). O problema é que o babaca só queria me sacanear: há dois meses reclamou que meus textos estavam subjetivos, pouco jornalísticos e com emoção demais.

— Prejudica a imparcialidade jornalística — disse, com aquele ar de cagaregra de bandeirão de faculdade, como se eu precisasse dele para saber disso.

Roberto riu e disse a frase de sempre:

— Qual o problema de fazer o que ele está pedindo? O cara é o teu chefe. Pode pedir o que quiser.

Mandei o Roberto tomar no cu. O veado sabia muito bem que eu morria de ódio de ter que receber ordens do incompetente do Odilon. Mas continuou a encher meu saco:

— Por que você não faz o que ele quer, mostra um bom serviço e, quem sabe, no futuro, pode ser promovido? Aí não vai mais ser obrigado a receber ordens de um incompetente.

Mandei o Roberto tomar no cu novamente e sugeri que mudássemos de assunto. O cara tinha o dom de me irritar quando queria. Ali, tive certeza: o Roberto é veado!

...